



CONEDU

Congresso Nacional de Educação
18 à 20 de Setembro de 2014

O CONCEITO DE GÊNERO NA VISÃO DE PROFESSORAS E PROFESSORES DO VALE DO MAMANGUAPE-PB

Autora: ALMEIDA, Heloísa Melo
Discente de Pedagogia UFPB (Campus IV) – CCAE.
heloisa.pi@hotmail.com

Orientadora: CHAVES, Gislaine da Nóbrega
Docente da UFPB (Campus IV) – CCAE
nchaves@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O conceito de gênero está relacionado à história do movimento feminista contemporâneo (LOURO, 1987). No Brasil, esse conceito foi disseminado no final da década de 1980. Scott (1990, p. 86) destaca o uso do referido conceito em dois momentos: no primeiro, “o gênero é elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”, e, no segundo, a autora nos remete ao gênero “como uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Isso significa que o sexo e o poder se encontram imbricados nas relações de gênero, e, como bem afirma Saffioti (2003), gênero, classe e etnia se constituem no tripé por meio do qual se organizam as desigualdades e se agudizam os conflitos sociais em nossa sociedade.

Nesse sentido, a escola se configura em um dos espaços de convívio social em que, geralmente, se reproduzem comportamentos masculinos e femininos hierarquizados e desiguais. Segundo Louro (1987), embora a escola seja um *locus* onde o fazer pedagógico se faça em sua grande maioria pelas mulheres, determinados elementos próprios a esse espaço foram construídos pelos homens, a exemplo dos livros, dos mapas, do conhecimento e da história oficial. Sob essa perspectiva, vale destacar que os padrões de gênero foram historicamente estabelecidos pela cultura androcêntrica e patriarcal, estabelecendo-se na sociedade e na instituição escolar.



Objetivou-se, pois, problematizar como ocorrem os diversos tipos de discriminação de gênero, mostrando como as iniquidades de gênero afetam a qualidade de vida de homens e mulheres. Analisamos, portanto, as relações de gênero, focalizando alguns de seus desdobramentos: masculinidades/feminilidades. Para tanto, utilizamos como metodologia uma oficina de coleta de dados – Gênero, o que é isso? Uma das problemáticas apontadas pelas professoras e professor participantes da Oficina refere-se ao fato de que embora as relações de gênero estejam presentes no cotidiano das instituições de ensino, não fazem parte dos conteúdos priorizados pelas escolas.

MATERIAIS E MÉTODOS

Nossa metodologia fundamentou-se nas oficinas de pesquisa compreendidas como realidades planejadas, em que as pessoas têm oportunidade de refletir, discutir, socializar e avaliar determinados temas e situações-problema (CHAVES; STORNI, 2002). Participaram da oficina de pesquisa intitulada “Gênero, o que é isso?” três professores dos municípios de Mamanguape, Jacaraú e Itapororoca. Embora o número de participantes da primeira oficina tenha sido desproporcional ao número de inscrições, consideramos esse momento fundamental à formação da categoria docente, pois anteriormente não se tinha notícias de trabalhos relacionados a essa perspectiva, como se percebe na fala de uma professora: “Eu ajo por impulso, porque não recebi nem um treinamento pra trabalhar nesse sentido, então eu simplesmente mostro pras crianças que o fato de ela gostar de uma cor, por exemplo, a cor rosa, não significa necessariamente que o menino vire menina, ou vice-versa”. (Emília, professora do Ensino Fundamental I, estudante do Curso de Pedagogia, Campus IV). A abordagem utilizada foi qualitativa e dialógica, pautada na escuta das narrações do grupo sobre suas práticas e experiências com as temáticas relacionadas ao conceito de gênero.

RESULTADOS E DISCUSSÕES



Desde a mais tenra idade, geralmente, uma criança aprende, por meio da educação familiar e escolar, a correspondência entre o seu sexo biológico e os papéis de gênero que, presumidamente, se espera dele ou dela. Contribuem para essa construção identitária instrumentos relacionados à cultura normativa, a exemplo de certas cores – rosa e azul – relacionadas ao sexo feminino e masculino, respectivamente, bem como os brinquedos – boneca e carrinho – atribuídos também ao sexo feminino e masculino.

Todavia, quando Emília, uma das colaboradoras da Oficina se referiu ao trabalho pedagógico, realizado com crianças pequenas no espaço escolar, evidenciou a construção de saberes adquiridos no exercício profissional, relacionados à perspectiva de gênero, mesmo sem ter sido inserida em um processo de formação inicial ou continuada, como afirmara anteriormente. Sua fala aponta para a desconstrução desses papéis tradicionais na educação de crianças pequenas:

Por que ele (os pais das crianças) tem a ideia de que o menino usar uma camisa cor de rosa, ela tá querendo ser mulher, e se a menina usa azul, fica aquela coisa determinada, o rosa menina, e azul menino, é uma coisa que não tem nada haver, é uma questão de gosto, que a cor não vai alterar a sexualidade de ninguém. Eu mostro de uma forma bem simples, que inclusive, muitas vezes, eu até vou pra sala de aula de rosa, de azul, de vermelho, de amarelo. Então surgem vários comentários, que tem cores unissex, aquela coisa toda, eles me respondem algumas vezes que amarelo é unissex; que pode usar. Eu sou bem clara, mostrando pra eles que nem tudo daquela cultura pode ser vencido ainda, isso é um tabu, que tem que ser vencido ainda, que vêm dos pais, infelizmente.

Outro aspecto que se destaca do conjunto das falas, refere-se aos usos de determinados brinquedos por meninos e meninas, e como essa atividade lúdica interfere na construção identitária dos sujeitos. Evidencia-se, por meio de determinados instrumentos – brincadeira de casinha e jogo de futebol –, relacionados rigidamente a um ou a outro sexo, limitações no campo de possibilidades de aprendizagem de meninas e meninos, sobretudo quando a masculinidade é construída não somente em oposição à feminilidade, mas numa relação hierárquica e desigual. Podem-se perceber esses aspectos das relações de gênero na fala de Emília:



CONEDU

Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

Com relação aos brinquedos também, porque vem de uma cultura em que os pais acreditam que o menino não pode brincar de casinha, porque vai mudar a personalidade, o caráter, vai mudar de sexo, na verdade acreditam nisso. E, eu, vejo que não é nada disso mostro pra que eles percebam que o fato de um menino brincar de casinha, não vai alterar, e uma menina jogar futebol, também não tem nada haver, até por que eu mostro a questão dos jogos em que participam meninos, que as meninas também jogam. E que isso não altera em nada, nada mesmo. Na verdade, a questão é dos pais, de uma cultura, e isso é bem acentuado na zona rural.

Dentre os atributos citados pelas professoras e pelo professor, as mesmas qualidades foram relacionadas aos dois gêneros, a exemplo de “inteligência”, “ vaidade” e “maquiagem”, sobretudo quando Marcos (professor do Ensino Médio) afirmou que os adolescentes têm modificado sua aparência e reconstruído aspectos de sua identidade, ao modificarem valores e comportamentos que fogem aos padrões tradicionalmente atribuídos ao sexo masculino, destacando que um dos jovens da escola onde trabalha deixou que a namorada “fizesse as sobrancelhas dele”. Todavia, alguns aspectos subjetivos, atribuídos às mulheres, a exemplo do “sentimentalismo”, do “choro” e da “delicadeza”, ainda perduram entre adolescentes de ambos os sexos como algo inerente ao sexo feminino. Isso revela que existem algumas mudanças de mentalidade em curso, enquanto outras são mais difíceis de serem rompidas.

Elas atribuem aos homens os predicados de “insensível”, “momentâneo” e “objetividade”. Já para elas mesmas, escolheram os seguintes denominativos: “delicadeza” e “fragilidade”. Esses termos revelam que existem certos estereótipos que ainda perduram, mas que também se percebem como “centradas” e “inteligentes”. Considera-se que esses atributos são próprios ao gênero humanos independente de seu sexo.

De acordo com as participantes e o participante da Oficina, existe a necessidade de se inserir as relações de gênero na formação de professoras e professores da rede pública de ensino, seja por que as problemáticas relacionadas à perspectiva de gênero estão presentes nas escolas (da Educação Básica ao Ensino Superior), seja pelo fato de que esse tema nunca foi abordado nas escolas de sua região.



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

CONCLUSÃO

As narrativas das colaboradoras e do colaborador da Oficina revelaram suas visões sobre os atributos físicos, emocionais e comportamentais de homens e mulheres. Alguns desses atributos foram comuns a ambos os gêneros. Considere-se que determinados comportamentos de homens e mulheres são construídos histórica e culturalmente. Além disso, algumas instituições, como a família e a escola, não raras vezes, corroboram com determinadas visões estereotipadas na educação de sujeitos de ambos os sexos desde a mais tenra idade.

As falas das professoras e do professor sugere-nos que as escolas do Vale de Mamanguape necessitam incluir em seu projeto pedagógico as relações de gênero na perspectiva de desenvolver um trabalho coletivo, inclusive com as famílias dos (as) estudantes, uma vez que os discentes do sexo masculino que concluem o Curso de Pedagogia não conseguem permanecer como professores da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, já que encontram resistência por parte das famílias das crianças pequenas.

Portanto, pensar no empoderamento das mulheres significa redimensionar nossa concepção de escola e da profissão docente, propiciando não somente o acesso, mas a qualidade no ensino, tendo em vista que na escola se consubstancia a dimensão social do fazer educativo. Por isso, faz-se necessário fortalecer o processo educativo, como afirmara Paulo Freire (1987), entrecruzando a leitura de mundo com a leitura da palavra, ou seja, nos reabastecendo com a realidade concreta de homens e mulheres de “carne e osso”!

REFERÊNCIAS

CHAVES, G. da N.; STORNI, M. O. T. **O Aventurar-se na Própria Caminhada: desvelando histórias de leitura.** Disponível: <<http://br.monografias.com/trabalhos/aventurar-caminhada-desvelando-historias-leitura/aventurar-caminhada-desvelando-historias-leitura.shtml>>. Acesso em: 1 ago 2013.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 21 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturada. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SAFFIOTI, H. I. B. Conceituando o gênero. *In*: **Gênero e Educação**. Caderno de apoio para a educadora e o educador. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Especial da Mulher. Prefeitura de São Paulo. Junho de 2003.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. V. 15, nº 2, jul. dez, 1990.
